

EMBARCANDO NA LEITURA: O PAPEL DAS BIBLIOTECAS DO TRANSPORTE PÚBLICO DA CIDADE DE SÃO PAULO NO INCENTIVO À LEITURA¹

Cléderson Matheus Rien PEREZ²

Whaner ENDO³

RESUMO

Este artigo procura traçar o perfil dos usuários das cinco bibliotecas mantidas pelo Instituto Brasil Leitor nas estações e terminais da rede de transporte público da cidade de São Paulo a fim de entender qual é o papel desse tipo de iniciativa no incentivo à leitura. Para melhor compreender a importância de projetos como esse, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a importância da leitura para o indivíduo e, em seguida, sobre a leitura no Brasil. Uma vez confirmada a importância da leitura e a necessidade de programas que garantam o acesso ao livro, foi realizado um levantamento com os usuários das cinco bibliotecas em questão. Os resultados obtidos indicam que essas bibliotecas não apenas garantem a manutenção de leitores como também suprem uma demanda reprimida de leitura formada por pessoas que, de outra forma, não teriam acesso ao livro.

Palavras chave: importância da leitura, livro no Brasil, biblioteca, incentivo à leitura

INTRODUÇÃO

Este trabalho, realizado para o Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi, tem por objetivo traçar o perfil dos usuários cadastrados nas bibliotecas *Embarque na Leitura* e *Leitura no Ponto*, mantidas pelo Instituto Brasil Leitor (IBL) em algumas das estações e terminais de metrô, trem e ônibus da cidade de São Paulo. Uma vez obtido o perfil desse leitor, foi possível ter um vislumbre do papel que essas bibliotecas têm

¹ Artigo elaborado para o Programa de Iniciação Científica da Universidade Anhembi Morumbi (UAM) – São Paulo, SP.

² Discente no 4º ano do curso de Produção Editorial com Ênfase em Multimeios na UAM.

³ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, possui extensão em *publishing* pela Yale University e é produtor editorial pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente dos cursos de graduação em Produção Editorial e Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi.

no incentivo à leitura. A decisão por trás de fazer uma pesquisa como essa partiu do pressuposto de que a leitura é uma atividade positiva para o indivíduo e, por isso, iniciativas como bibliotecas na rede transporte público deveriam ser mais frequentes para aumentar os índices de leitura no Brasil, que são baixos. Com o fim de verificar esses pressupostos, foi realizada uma revisão bibliográfica que conceituou o que é a leitura, por que ela é importante para o indivíduo, e por que no Brasil não se lê.

Essas questões sempre foram objeto da atenção de educadores e psicólogos. Joel Martins (in: Silva, 1981) explica que em um primeiro momento, a leitura era vista apenas como uma atividade de recepção. Essa visão, entretanto, é limitada, pois o leitor é um ser ativo, capaz de criticar o texto, reinterpretá-lo de acordo com o seu repertório de mundo, estabelecer relações com outros textos, etc. O francês Vincent Jouve (2003) sintetiza a complexa atividade da leitura em cinco processos: neurofisiológico (a leitura é uma atividade desenvolvida em nosso cérebro), cognitivo (interpretamos os signos e lhes damos significado), afetivo (a emoção é central na literatura), argumentativo (todos os textos tem uma intenção) e simbólico (representam os esquemas sociais e culturais de uma época).

Ezequiel T. da Silva (1981) declara que confundir a leitura com a mera atividade mecânica de decodificação de símbolos e sinais gráficos é equivalente a declarar a “morte do leitor” pois ler é adquirir novas experiências, ampliar horizontes, atribuir significados a tudo que está ao redor. A leitura é colocar-se no lugar do outro, já que ao ler o indivíduo “encarna” as intenções e a visão de mundo do autor. Silva (1981, p. 43) afirma ainda que o “leitor executa um ato de compreender o mundo”. Mas o que é a compreensão?

Para Heidegger (1962 apud SILVA, 1981, p. 68), a “compreensão é o Ser existencial da potencialidade-para-Ser da própria existência humana; e é assim de tal modo que este Ser descobre em si o de que seu Ser é capaz.” Segundo a visão heideggeriana, o homem é colocado no mundo sem sua vontade e a única forma que ele pode vir a Ser é por meio do estabelecimento de objetivos e projetos a serem alcançados, a fim de tornar-se o que não é. Esse vir a Ser só é possível através da compreensão, já que é através dela que o homem consegue perceber o seu estado e fazer algo para mudá-lo. É a compreensão que permite ao homem que se aproprie das coisas do mundo a fim de compreender-se e compreender o mundo, adquirindo assim a capacidade de transformar tanto a si mesmo quanto ao mundo

Num plano mais imediato, entende-se que esse processo se dê através da “fruição estética” proporcionada pela leitura. Jouve (2003) explica que a fruição estética é uma experiência de libertação e preenchimento. A libertação é o momento que o leitor “desengaja-se” da realidade – liberta-se, por meio da imaginação, das amarras que o prendem a seu

cotidiano. Já o preenchimento é o momento em que, aniquilado o mundo real, o mundo do texto é reconstruído dentro do leitor.

Mas esse processo não é uma via de mão única. Deve-se levar em consideração que “existem sempre [...] duas dimensões da leitura: uma comum a todo leitor, porque é determinada pelo texto e a outra, infinitamente variável, porque dependente daquele que cada um projeta de si próprio” (JOUVE, 2003, p. 127). Essas duas dimensões são frutos do caráter diferido ou dissociativo da leitura pois nela, ao contrário da comunicação oral, o “outro” não está concretamente presente, de forma que o ato de ler pode ser entendido como uma “restauração de significados mediados por símbolos” (SILVA, 1981, p. 45). Autor e leitor mantêm uma relação completamente assimétrica. Todas as informações que são disponíveis ao leitor para a compreensão do texto estão no próprio texto e precisam ser reconstruídas pelo leitor, não sendo possível ao autor interferir nesse processo enquanto ele ocorre. Isso faz com que a comunicação escrita, mais especificamente a literária, possua uma infinidade de interpretações e torna o processo de leitura um processo mais rico e significativo para o leitor, já que, normalmente, um texto é lido fora de seu contexto original.

Portanto, parte do processo de “saída-de-si” está nas mãos do leitor. O ato da leitura se torna produtivo apenas quando o “efeito objetivo” do texto (ou seja, o texto em si e sua interpretação imediata) entram em conflito com a “recepção subjetiva” do leitor. O resultado desse embate de visões de mundo é justamente o despertar da consciência para outras experiências que não as do próprio leitor, criando nele um espírito crítico que leva à reflexão, análise e crítica da realidade, dos sistemas e das ideologias vigentes ao seu redor. A leitura torna-se um ato libertário (SILVA, 1986). É válido notar, entretanto, que o tipo de leitura também interfere nesse processo. Para Jouve (2003), o impacto da leitura pode tanto perpetuar a norma e os valores vigentes na sociedade, como implantar novos valores ou, ainda, levar à reflexão, rompendo com o *status quo* e ampliando a experiência do indivíduo.

Sendo a leitura tão importante para garantir a realização do indivíduo como ser pensante, outra pergunta nos vem à mente. Por que no Brasil não se lê? É alarmante pensar que a maioria dos brasileiros não desfrutam dos benefícios da leitura e, muitas vezes, nem mesmo têm acesso à ela. As razões por trás disso são extremamente complexas e devem ser buscadas tanto na história da leitura no país quanto na própria formação do povo brasileiro.

A história da leitura no Brasil é extremamente recente. Enquanto na Europa a indústria gráfica e editorial crescia rapidamente desde que Gutenberg introduzira o sistema de tipos móveis no continente, em meados do século XV, no Brasil, a produção de livros e documentos oficiais teve início apenas em 1808, após a chegada da Corte portuguesa. As

poucas vezes em que foram abertas gráficas na colônia no período anterior à chegada da Família Real, elas logo foram fechadas por editos reais.

O cenário começa a mudar apenas com a mudança da Família Real para o país, quando foi criada a Impressão Régia, inicialmente com o objetivo de imprimir documentos oficiais do governo, mas que logo passou também à impressão dos mais diversos tipos de obras. Embora ela tenha mantido, até seu fechamento, em 1822, a natureza burocrática de sua operação, José Mindlin (in: BRAGANÇA; ABREU, 2010, p. 20) afirma que “seu desempenho foi excepcional e abriu caminho para o desenvolvimento cultural brasileiro, pois proporcionou o surgimento de um número crescente de editores no século XIX.”

Embora muito se tenha considerado a chegada tardia da imprensa no país como um dos motivos principais do “atraso” brasileiro em relação à leitura, segundo Melo (1973 apud BRAGANÇA in: BRAGANÇA; ABREU, 2010, p. 27), nunca existiu uma “legislação expressamente restritiva à instalação de tipografias no Brasil”, mas também não era do interesse da indústria editorial portuguesa que fossem abertas gráficas na colônia, assim como não interessava a nenhum outro setor da economia portuguesa que fossem criados no Brasil estabelecimentos que pudessem competir com seus produtos.

Com a vinda da Corte para o Brasil, qualquer tipo de restrição não mais fazia sentido e, aos poucos, a abertura de oficinas tipográficas foi sendo autorizada ao redor do país, até que, em 1821, encerrou-se o monopólio da Impressão Régia no Rio de Janeiro e o número de gráficas e editoras cresceu com rapidez.

Vale citar três editores de extrema importância para o desenvolvimento do mercado editorial no Brasil: Paulo Augusto Martin (português, utilizava a Impressão Real para publicar seus livros), o alemão Eduard Laemmert (destacou-se pela publicação de manuais técnicos e livros sobre a vida prática) e francês Baptiste Louis Garnier (publicou grandes nomes da literatura nacional e internacional, entre eles José de Alencar e Machado de Assis) (LINDOSO, 2004).

Num primeiro momento, os livros vendidos no Brasil possuíam um preço demasiadamente elevado – cerca de duas a quatro vezes o preço praticado em Lisboa. Entretanto, com o aumento no número de oficinas tipográficas e editoras, houve uma explosão na produção de livros populares dos mais diversos gêneros, feitos com papel barato e encadernação simples. Esses volumes eram anunciados pelos livreiros como “livros para o povo” ou “livros baratíssimos”. Os mais simples desses títulos custavam apenas um terço do que ganhava um trabalhador pobre em um dia e eram, portanto, acessíveis a quase todos (EL FAR in: BRAGANÇA, 2006). A aparente abundância editorial criou certo otimismo quanto

ao futuro da leitura e da educação no país mas, segundo El Far (2006) o poeta Olavo Bilac, já no início do século XX, via as massas de analfabetos e concluía que no Brasil não se lia por não se saber ler.

A realidade do país hoje é diferente em vários aspectos mas similar em um deles: no Brasil não se lê. De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*⁴ (AMORIM, 2008), o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano, sendo que 3,4 desse total são livros indicados pelas escolas. Quais as razões para isso? Embora não sejam definitivas, algumas das respostas podem ser encontradas na história da formação cultural do país.

O Brasil passou por um processo que Sodré (2003) chama de civilização transplantada. Logo após o descobrimento, não havia nada no país que fosse de interesse dos portugueses, de forma que todos os elementos de produção colonizadora foram trazidos do exterior, tanto os senhores de terras, a mão de obra escrava, a tecnologia, e as próprias culturas de cana-de-açúcar e tabaco. Não havia, portanto, “exigência cultural sistemática a ser preenchida pelo ensino, pela cultura que está nos livros” já que o Estado, na colônia, era rudimentar e “suas funções [...] providas pela metrópole” (SODRÉ, 2003, p. 12).

Portanto, ao mesmo tempo que o processo de transplantação foi necessário para a manutenção do sistema mercantilista português no vasto território brasileiro, algumas de suas características não apenas desfavoreciam o desenvolvimento cultural do país como também o faziam desnecessário. Existiam praticamente duas classes sociais: aos escravos era vedado o acesso a qualquer tipo de cultura (até mesmo à deles próprios era desencorajada), e aos senhores, a educação e a cultura eram desnecessárias para a manutenção de sua fortuna e seu território. Somam-se a isso a distância da metrópole, as sanções por ela impostas e, ainda, o próprio isolamento dos núcleos de povoamento e das áreas produtoras no Brasil. O único sistema de educação vigente era o jesuíta, que difundia uma cultura internacionalista, de ideologia católica, baseada nas humanidades latinas e na filosofia aristotélica; ou seja, não possuía elementos que contribuíssem para a vida na colônia, fazendo com que a classe dominante, dos senhores de terra, a achassem supérflua e inútil; e as classes dominadas não podiam sustentá-la (SODRÉ, 2003).

O cenário começa a mudar apenas com o aparecimento da pequena burguesia, durante o ciclo do Ouro no país, devido ao surgimento do comércio interno e de postos governamentais trazidos pelo aumento da presença do Estado na colônia. A pequena burguesia passou a ver, então, a cultura e a educação como uma forma de ascensão social.

⁴ Doravante *RLB*.

Mas foi só após a chegada da Família Real ao Brasil que a oferta de cultura na colônia aumentou, com a construção de bibliotecas, teatros, academias de artes, etc. A tardia chegada da imprensa e de outros aparatos culturais à colônia, entretanto, não foi acompanhada pela ampla criação de outros instrumentos de difusão da educação e cultura – eram poucas as escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, editoras e livrarias. A aparelhagem cultural disponibilizada pela vinda da Corte continuou, como antes, a ser consumido apenas pela pequena burguesia – mais intensamente, por mulheres e estudantes. A cultura era vista como via de acesso social à classe dominante, pois se entendia que a atividade intelectual era própria das classes mais abastadas e o trabalho físico era visto como uma atividade degradante. Ainda hoje o consumo cultural no Brasil serve para a separação entre classes, preservando esse “timbre aristocrático” explicado por Sodré (2003).

Foi só com o advento do capitalismo contemporâneo no Brasil, em meados do século XX, que começou-se a perceber a necessidade de alfabetizar e educar as massas para que pudessem cumprir com as exigências da nova sociedade (SODRÉ, 2003). Mas mesmo assim, as movimentações nesse sentido foram pautadas pelo conservadorismo, e a educação pública nunca foi conhecida como um instrumento de desenvolvimento intelectual e ascensão social. As escolas brasileiras não formam leitores; professores e bibliotecários não são bem formados e eles mesmos não possuem o hábito da leitura. O salário e a carga-horária desses profissionais em nada contribuem para melhorar o cenário.

A prova do descaso com a educação é que, segundo dados do Índice de Analfabetismo Funcional (Inaf), existiam em 2007, 32% de analfabetos funcionais no Brasil (GARCEZ in: AMORIM, 2008, p. 61). Numa sociedade como a contemporânea, baseada no conhecimento e na informação, uma realidade como essa traz prejuízos de ordem econômica para o país. Frequentemente são veiculadas na mídia reportagens sobre a contratação de mão de obra qualificada entre estrangeiros, já que as universidades brasileiras não estão dando conta da demanda.

Com a consolidação das relações capitalistas no país, o governo não ficou alheio a essa realidade; entretanto, a maioria dos projetos educacionais e de leitura se tornaram ineficazes devido à falta de investimentos, controle e continuidade advinda, entre outras coisas, das complicadas relações político-partidárias no país (SILVA, 2010).

E embora não se possa usar a televisão e os outros meios de comunicação como bode expiatório para o problema da leitura no Brasil, deve-se levar em consideração o fato de que grande parte da população brasileira é absorvida pela cultura televisiva antes mesmo de ter

contato com a leitura, tornando televisão a principal forma de acesso ao conhecimento (CANDIDO, 1989).

Mas deve-se sempre ter em mente que esse e outros importantes fatores sociais como, por exemplo, a cultura familiar, são apenas secundários na crise da leitura no Brasil, consequências diretas de um intrincado mosaico de fatores históricos, socioculturais e políticos ligados à própria formação do povo brasileiro que culminou em um programa conservador de desenvolvimento social que sempre beneficiou a elite econômica sobre o restante da população. E as consequências são que “historicamente falando, a grande maioria do povo brasileiro nunca teve acesso ao livro” (SILVA, 2010, p. 37).

Mas apesar de todos os fatores socioculturais de formação do povo brasileiro indicarem que o problema da leitura no Brasil só vai mudar após uma reforma estrutural no sistema de políticas educacionais, não se deve pensar que não há nada a ser feito em um prazo mais curto que possa favorecer o crescimento da leitura no país. Silva (2010) afirma que, em uma sociedade com tamanhos contrastes e desigualdades sociais como o Brasil, existem muitas pessoas que não tem acesso a nenhum tipo de leitura.

A falta de acesso é, ainda, exacerbada pela ausência de conhecimento dos instrumentos públicos de difusão da leitura. Maria Antonieta Antunes Cunha (in: AMORIM, 2008), baseada na pesquisa *RLB* afirma que hoje existem bibliotecas públicas em 90% dos municípios brasileiros. Entretanto, apenas 66% da população está ciente disso e somente 10% faz uso dessas bibliotecas frequentemente. A *RLB* aponta que 4% dos não leitores argumentaram que não leem pela falta de bibliotecas. A pesquisa revela ainda que 1,3% dos não leitores disse que não há onde comprar livros (um número alto, se considerado que os não leitores são quase metade da população). De fato, segundo o *Diagnóstico do setor livreiro* (ANL, 2010), em 2009, 56% de todas as livrarias brasileiras se concentravam apenas na região sudeste. Outros 7% reclamou do preço dos livros. Realmente, não é de se espantar que, num país com tamanha desigualdade social, o preço dos livros seja um dos motivos de exclusão do acesso à leitura. Entre os não leitores, há ainda aqueles que argumentam que lhes falta tempo para ler. E não são poucos – 29%.

Todos estes problemas que impedem parte da população de ter acesso à leitura poderiam ser resolvidos com políticas de curto e médio prazo, como a abertura de bibliotecas ao redor do país e o treinamento de profissionais capacitados na formação de leitores. Ao se facilitar o acesso da população ao livro, toda uma demanda reprimida de leitores no país poderá ser suprida e acelerará a transformação do Brasil em uma sociedade leitora.

É nesse cenário que podemos entender mais profundamente a relevância das políticas de aberturas de bibliotecas tanto pelo governo como por outras instituições. Na cidade de São Paulo, uma dessas iniciativas que ganhou maior cobertura na mídia foi a das bibliotecas *Embarque na Leitura e Leitura no Ponto*⁵, mantidas pelo IBL com o apoio do Ministério da Cultura e o patrocínio de instituições e companhias privadas em algumas estações e terminais da rede de transporte público paulistana. As bibliotecas são parte de um projeto mais amplo do IBL que visa facilitar o acesso da população aos livros. Segundo diretor geral do instituto, William Naked, em entrevista cedida ao jornal *Estado de São Paulo*, até o final de 2010, o instituto mantinha 11 bibliotecas nas redes de transporte metroviário em todo o Brasil (VEIGA, 2010).

METODOLOGIA

Sendo as bibliotecas parte importante em qualquer política de incentivo a leitura, entender a relação que os usuários das bibliotecas *EL e LP* mantêm com o livro e a leitura e de que forma essas bibliotecas influenciaram seu histórico como leitor é essencial para avaliar qual é o real alcance de um projeto como esse. A melhor maneira de fazer isso, seria através da elaboração de um questionário que contivesse perguntas chave para entender quem é o leitor das bibliotecas mantidas pelo IBL. Para a elaboração do questionário, foi usado como base a pesquisa *RLB*, dadas as similaridades entre os objetivos de ambas as pesquisas e o fato de que usá-lo como base permite que o perfil do leitor das bibliotecas do metrô paulistano possa ser comparado, mesmo que de maneira elementar, ao perfil do leitor nacional. Para isso, foi criada uma metodologia específica para adaptar a pesquisa à realidade das bibliotecas *EL e LP*. Nessa metodologia, foram criadas três grandes categorias: perfil sociodemográfico; relacionamento do entrevistado com a leitura e o livro e papel das bibliotecas do metrô na leitura.

A primeira categoria possui sete questões que procuram entender de que forma o entrevistado está inserido na sociedade e possui questões relacionadas à idade, renda, religião e escolaridade do entrevistado. Todas as questões nessa categoria são objetivas, de resposta única e estimulada. Já a segunda categoria tem como objetivo entender qual é o comportamento do entrevistado em relação ao livro. As questões nessa conjunto de perguntas buscam resgatar a leitura no imaginário, o histórico do leitor, seus gostos, quanto tempo é

⁵ Doravante *EL e LP*.

dedicado à leitura, enfim, seus hábitos de leitura. A terceira parte do questionário contém apenas duas perguntas que buscam compreender como as bibliotecas *EL* e *LP* afetaram os hábitos de leitura dos entrevistados. Todas as questões são objetivas, de resposta única ou múltipla, ambas estimuladas.

Devido à inviabilidade da aplicação ao número total de usuários, optou-se por definir uma amostragem que seria caracterizada pelos usuários ativos recentes e que concordassem em fazer parte da pesquisa. Dadas as devidas autorizações, foi aplicada a pesquisa por um dia em cada unidade, com todos que retirassem ou devolvessem livros. Os questionários foram respondidos pelos próprios usuários, de forma que o maior número possível fosse coletado. Dessa forma, foram entrevistados a maioria dos usuários das seguintes unidades e datas:

- 28/11/2011, das 11h às 18h30 – Estação Brás da CPTM (83 entrevistas)
- 30/11/2011, das 11h às 18h30 – Estação Tatuapé do Metrô (52 entrevistas)
- 01/12/2011, das 11h às 18h30 – Paraíso do Metrô (61 entrevistas)
- 02/12/2011, das 11h às 18h30 – Terminal urbano Sacomã (55 entrevistas)
- 05/12/2011, das 11h às 18h30 – Estação Sta. Cecília do Metrô (92 entrevistas)

Foram coletados 343 questionários no total, totalmente ou parcialmente preenchidos. Embora os resultados obtidos não possam ser extrapolados para o conjunto total de usuários das bibliotecas *EL* e *LP*, eles certamente indicam tendências e apontam direções a serem investigadas mais profundamente em futuras pesquisas.

RESULTADOS

Generalizando, pode-se afirmar que o usuário médio das bibliotecas *EL* e *LP* é mulher, tem entre 18 e 29 anos, terminou ou está cursando o ensino superior em universidade particular embora tenha concluído o ensino básico em escola pública, vive na zona leste da cidade de São Paulo e ganha até três salários mínimos.⁶

De maneira mais detalhada, a pesquisa encontrou que são do sexo feminino 69,7% dos entrevistados, e do sexo masculino 30,3%. O fato de mulheres lerem mais do que homens é uma tendência nacional. Entre os leitores de livros no Brasil, 55%⁷ são mulheres (AMORIM, 2008, p. 167).

⁶ Salário mínimo vigente em 2011, de R\$ 545,00.

⁷ A porcentagem de leitoras do sexo feminino está acima da porcentagem de mulheres na população brasileira, hoje, de 51% (IBGE, 2011).

Quanto à idade, 36,2% dos entrevistados têm entre 18 - 30 anos de idade e compõem o maior grupo por faixa etária (fig. 1). Entretanto, para a pesquisa eles foram divididos em dois grupos, um que vai de 18 a 24 anos (21,8%) e outro composto por pessoas entre 25 e 29 anos (14,4%). Essa divisão foi feita com o objetivo de facilitar possíveis cruzamentos entre os dados no futuro, considerando que boa parte dos universitários possuem entre 18 e 24 anos. Uma outra tendência apontada pela pesquisa foi que pouquíssimas crianças e adolescentes utilizam diretamente as bibliotecas, embora muitas vezes adultos retirem livros por eles.

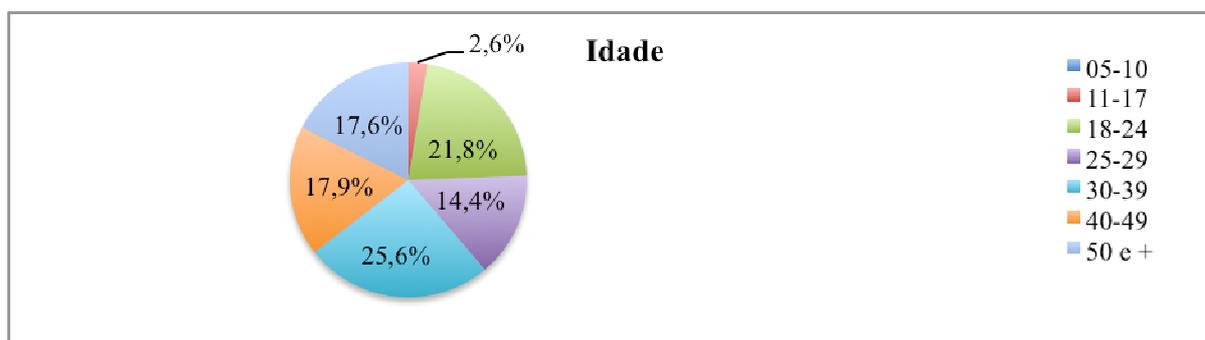


Figura 1 – faixa etária

Os índices de escolaridade encontrados na pesquisa (fig. 2) diferiram de maneira significativa da base de dados do IBL. Enquanto, segundo o Instituto, a maioria dos usuários das bibliotecas possuem escolaridade abaixo do ensino superior, os dados obtidos durante o período pesquisado mostrou que a maioria estava cursando ou havia concluído o ensino superior. A discrepância nos resultados não invalida a pesquisa,⁸ ao contrário, pode indicar que o aumento dos usuários no ensino superior está acompanhando a tendência nacional, já que no Brasil o acesso à faculdades e universidades cresceu mais de 110% entre 2001 e 2010 segundo dados do *Censo da Educação Superior* (INEP, 2011).

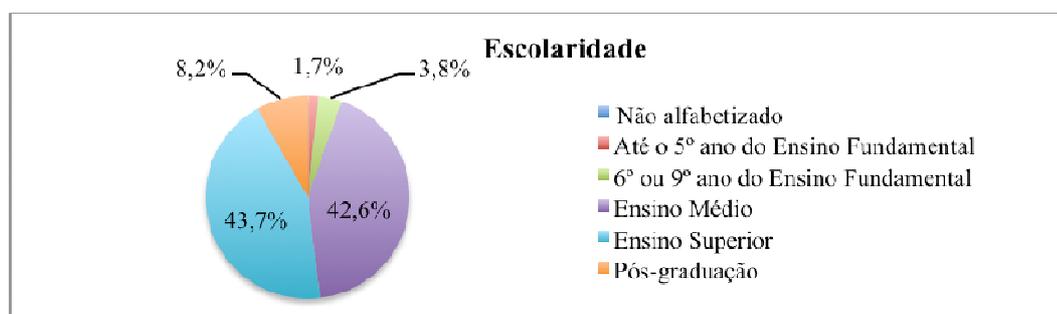


Figura 2 - escolaridade

⁸ A base de dados do IBL não é atualizada frequentemente e, portanto, muitos dos usuários que constam como estudantes do ensino médio, podem, na realidade já estar cursando ou ter até mesmo concluído o ensino superior.

Ainda dentro do campo da escolaridade e educação, outra tendência nacional que, de certa forma, se reflete no conjunto de usuários das bibliotecas *EL* e *LP*, é a proporção de estudantes que passaram por escolas e universidades públicas ou particulares. No ensino básico, 85% dos entrevistados disseram ter estudado na rede pública, e 15% na particular. Já no ensino superior a situação se inverte e a maioria (81%) frequenta/frequentou faculdades e/ou universidades particulares. No Brasil, segundo a *Pesquisa nacional por amostra de domicílios* (IBGE 2010), esses números correspondem a 78 e 76,6% respectivamente.

Os usuários das bibliotecas também foram entrevistados quanto à renda familiar (fig. 3). Embora alguns deles tenham deixado claro para o pesquisador que não tinham certeza quanto a essa informação, pois não eram os mantenedores da casa, esses dados também não devem ser descartados pois serão úteis para indicar inclinações e propensões quando cruzados com outras informações mais à frente.

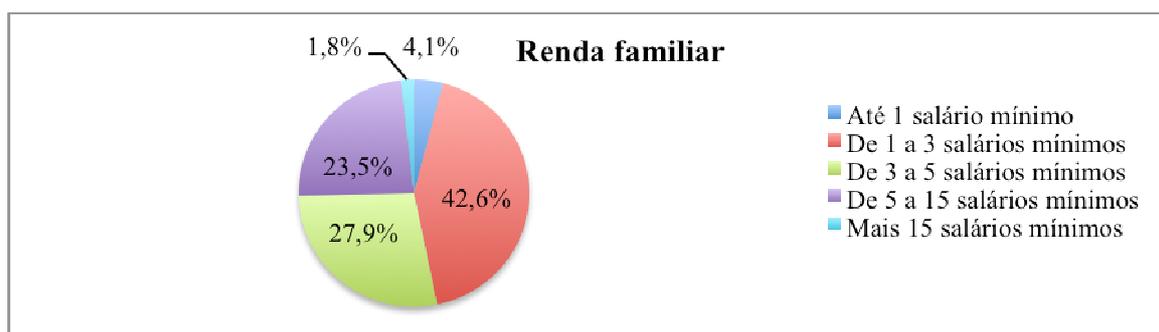


Figura 3 – renda familiar

Conforme já afirmado anteriormente, a segunda parte do questionário desenvolvido visa entender, primeiramente, como a leitura é vista pelo entrevistado, depois, quais são seus hábitos de leitura e, por último, seus histórico como leitor.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999, p. 16), no livro *A formação da leitura no Brasil*, afirmam que “a propagação da leitura” depende de “uma valorização positiva do lazer”, já que, se formos analisar a história, a leitura e os livros foram uma das primeiras formas de entretenimento cultural que se tornou acessível a grande parte da população.

Mas como já vimos anteriormente, da média de 4,7 livros lidos por ano pelo brasileiro, apenas 1,3 são lidos por iniciativa própria, sem que sejam indicados pela escola, e quase metade da população estudada brasileira se configura como não leitora, argumentando que não tem tempo para livros, não gosta de ler, ou prefere outras atividades, como assistir televisão (AMORIM, 2008). De maneira que, mesmo sendo já se esperar que os usuários das

bibliotecas *EL* e *LP*, possuíssem uma visão favorável à leitura, deve-se comemorar que a grande maioria deles vê a leitura como fonte de prazer, e essa é uma das suas principais motivações para ler (figs. 4 e 5). Boa parte dos entrevistados também citou que a leitura é “uma fonte de conhecimento para a vida”, e também buscam atualização cultural por meio da leitura. Mas mesmo entre os leitores das bibliotecas pesquisadas, existe uma parcela, ainda que pequena, que vê a leitura como uma atividade obrigatória, que ocupa muito tempo ou, ainda, que requer esforço e gera cansaço.

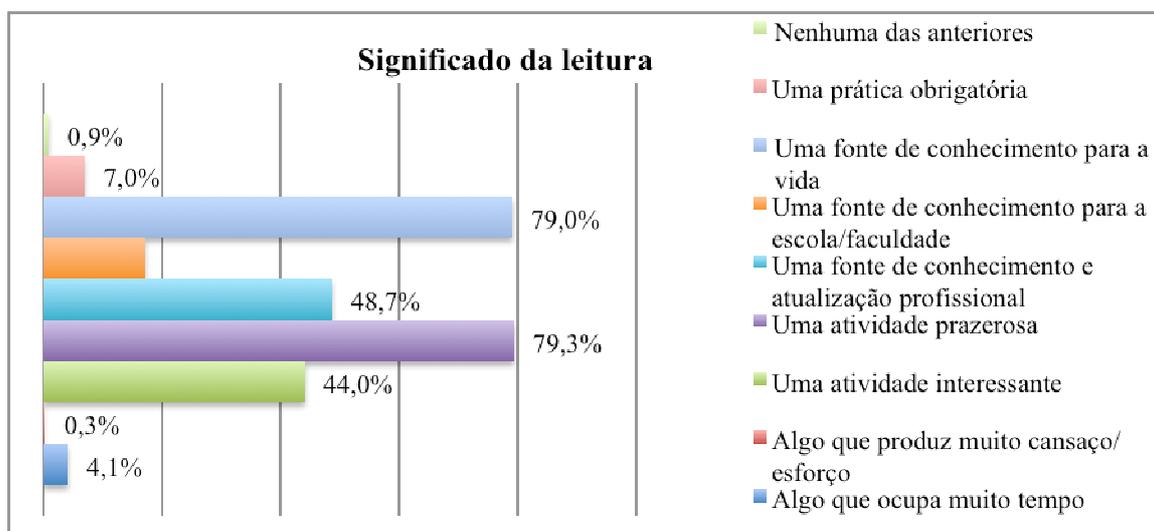


Figura 4 – visão de leitura

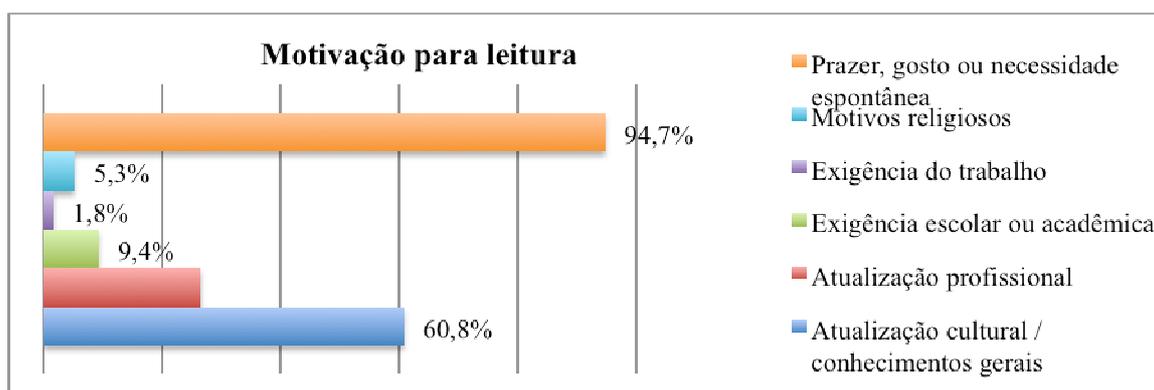


Figura 5 – motivações para a leitura

A visão que os usuários tem da leitura reflete diretamente no uso que fazem de seu tempo livre (fig. 6). Cerca de 85% afirmaram que uma de suas atividades de lazer é a leitura, seguido por ouvir músicas (67%), navegar na internet (64%) e sair com os amigos e/ou família (64%). Assistir televisão está apenas em quinto lugar na preferência desses leitores, com 57% da preferência. Esse panorama em muito difere do restante da população nacional.

Na pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (AMORIM, 2008, p. 162) 77% dos entrevistados (leitores e não leitores) preferiram a televisão. A leitura aparece apenas em quinto lugar, com 35%.

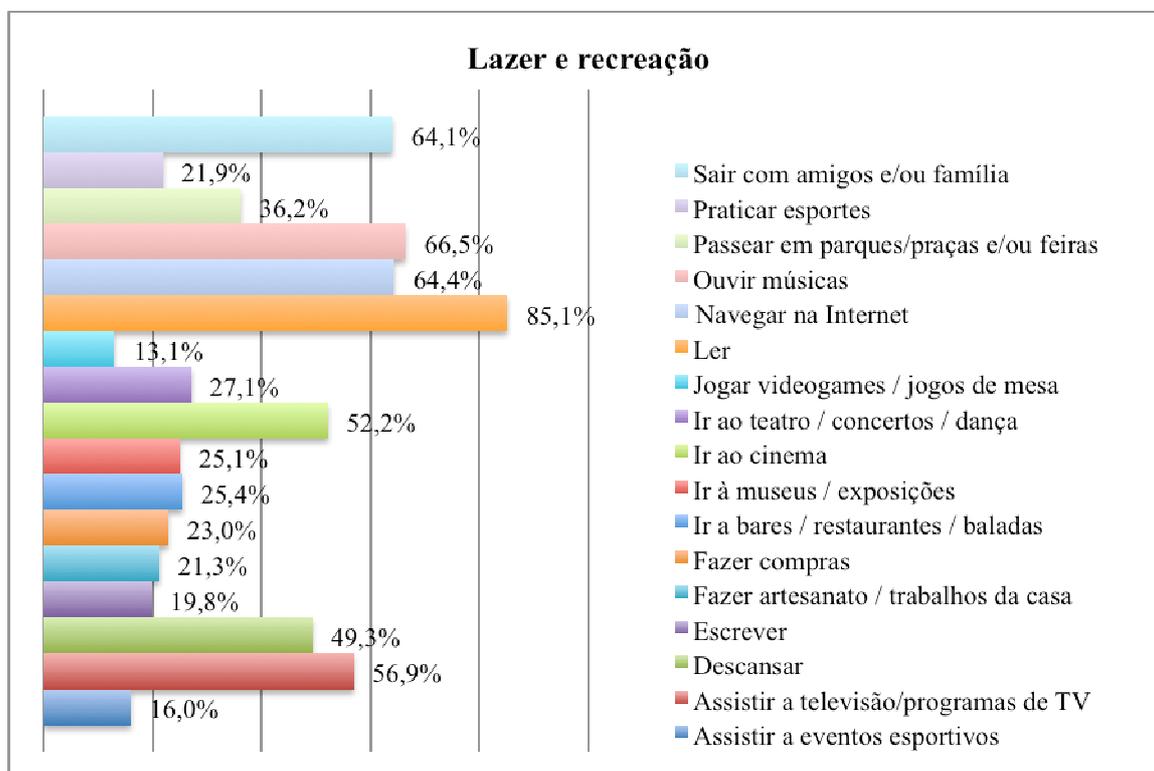


Figura 6 – lazer e recreação: o que faz no tempo livre

Quando perguntados em que tipo de suporte leem mais frequentemente, 76,9% respondeu “livros” (fig. 7). Em segundo lugar ficaram os jornais, com apenas 8%; 6,2% responderam que leem textos na internet. Apenas duas pessoas responderam ler livros digitais com frequência. Uma interessante tendência é que a proporção de pessoas que lê jornais e textos na internet é muito maior entre pessoas de maior escolaridade. 11% dos entrevistados com nível universitário responderam ler jornais frequentemente. A porcentagem cai para 5,1% para quem tem/está no ensino médio, e foi nula para níveis de escolaridade mais baixos.

Embora não seja possível fazer uma comparação direta, por uma diferença de metodologia⁹, os resultados obtidos nessa questão também em muito diferem do perfil do leitor definido pela *RLB* (AMORIM, 2008, p175). Segundo a pesquisa, 52% dos leitores brasileiros preferem a leitura de revistas. Livros estão em segundo lugar, com 50%, e jornais

⁹ Na *RLB*, essa questão era permitia múltiplas respostas estimuladas, enquanto para esta pesquisa, a questão permitia apenas uma resposta.

em terceiro, com 48%. Diferenças metodológicas à parte, os usuários das bibliotecas *EL* e *LP* pesquisados tendem a ler mais livros do que qualquer outro suporte.

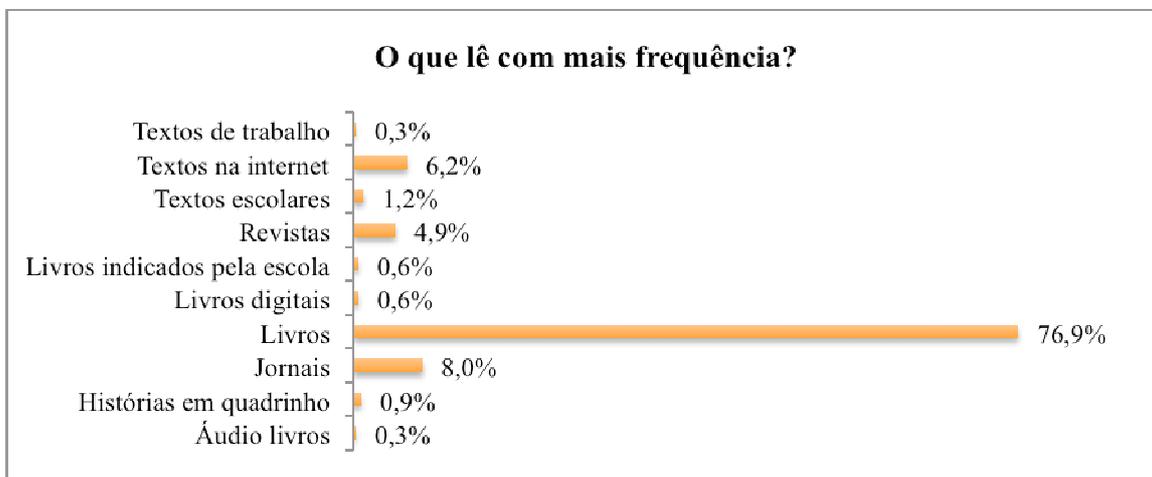


Figura 7 – tipos mais frequentes de leitura

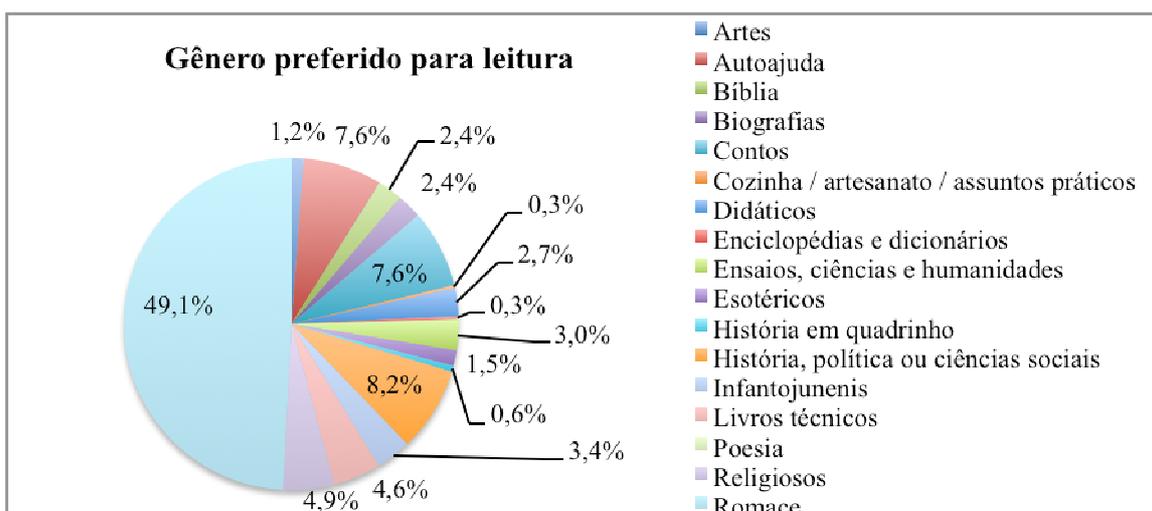


Figura 8 – gênero preferido de leitura

O quatro gêneros literários declarados como favoritos na pesquisa (fig. 8) foram *romance* (49,1%), *história, política ou ciências sociais* (8,2%), *contos* (7,6%) e *autoajuda* (7,6%). A natureza pouco utilitarista dessa seleção reafirma a visão de leitura mantida pelos pesquisados, já traçada acima, de que a leitura é uma atividade prazerosa, geradora de conhecimento e enriquecimento pessoal, e não apenas profissional ou prático.

A grande maioria dos usuários pesquisados, quando questionados acerca das formas em que têm acesso aos livros (fig. 9), respondeu que utiliza bibliotecas (resultado previsível, uma vez que a pesquisa estava sendo feita apenas com os usuários ativos das bibliotecas *EL* e

LP). Em segundo lugar ficou a compra de livros e, em terceiro, o empréstimo com amigos e conhecidos. Vale notar que, enquanto a porcentagem dos que responderam que retiram livros em bibliotecas é similar em todas as rendas, a proporção dos que responderam que costumam comprar livros cresce conforme a renda e, dos que responderam que pegam livros emprestados, cresce de maneira inversamente proporcional à renda.

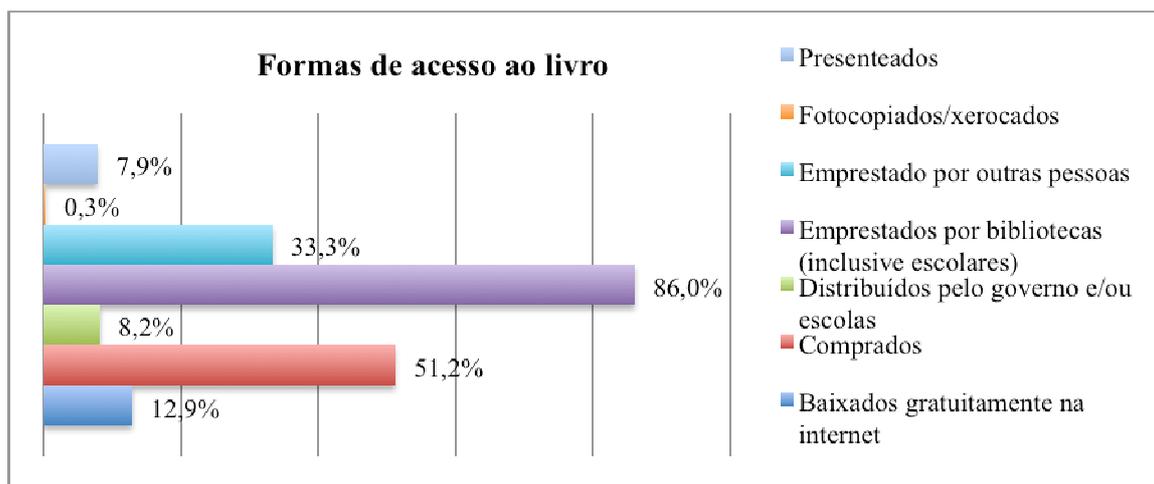


Figura 9 – formas de acesso ao livro

O local onde a maior parte dos usuários das bibliotecas lê é dentro do transporte público (fig. 10). 85,5% respondeu que aproveita o tempo de locomoção para colocar a leitura em dia. Esse fato é extremamente relevante pois revela justamente uma das vocações da instalação de bibliotecas dentro de estações e terminais de trem, ônibus ou metrô. Num país em que a maioria da população “nunca teve acesso ao livro” (SILVA, 2010, p. 37), conforme visto anteriormente, as bibliotecas suprem uma demanda reprimida, invertendo o processo clássico em que o leitor vai até a biblioteca e coloca a biblioteca no meio do caminho do leitor. Esse é um processo eficiente e desejado. Maria Antonieta Antunes Cunha (in: AMORIM, 2008, p. 58), apoiada pela *RLB*, afirma que, apesar da “a alegada falta de tempo para frequentar bibliotecas” abranger, “por exemplo, o desinteresse e as prioridades de cada um [...] além da eventual sobrecarga de trabalho e obrigações”, é necessário “oferecer facilidades especiais, como apoiar e multiplicar os projetos que se baseiam no deslocamento de materiais de leitura para pontos estratégicos”.

Embora a leitura no trânsito seja uma característica dos usuários das bibliotecas *EL* e *LP*, essa não é uma característica do restante dos leitores do país, que preferem ler em casa. Segunda a *RLB*, a leitura no transporte público é praticada por apenas 5% dos leitores (AMORIM, 2008, 196).

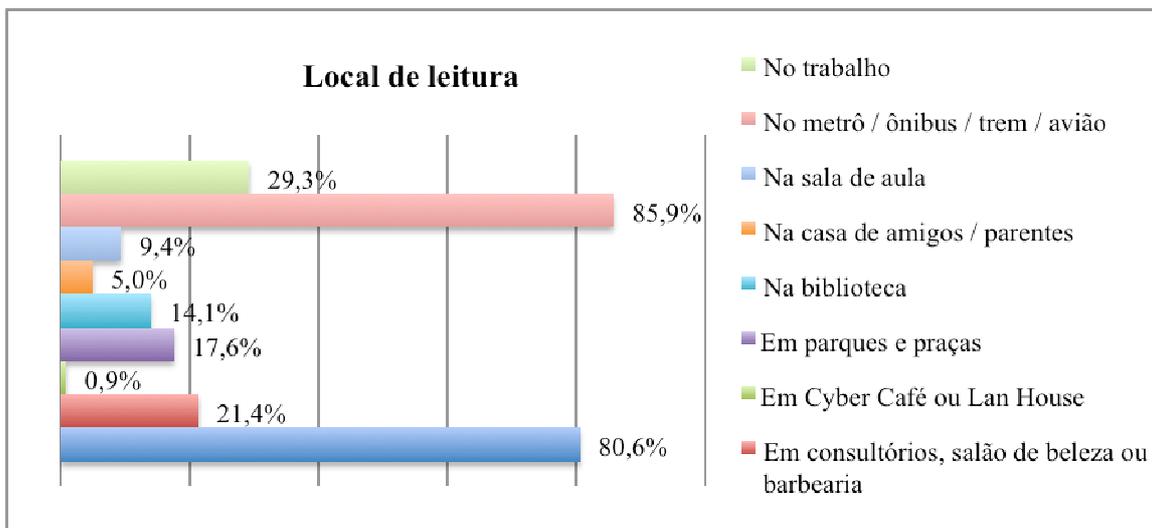


Figura 10 – local de leitura

Por semana, 45,5% dos pesquisados afirmou dedicar algo entre 4 a 10 horas por semana lendo (fig. 11). Em segundo lugar, 28% respondeu que dedica mais de 10 horas semanais à leitura.

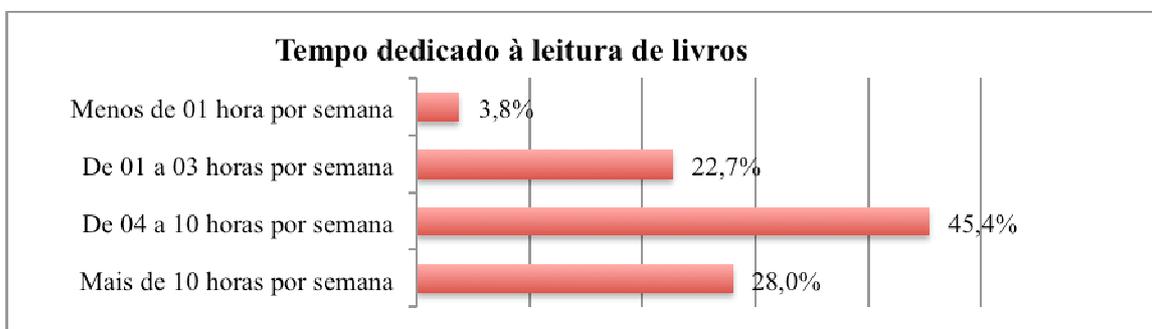


Figura 11 – tempo semanal dedicado à leitura de livros

Quando indagados pela quantidade de livros lidos por ano, 35,1% responderam que leem mais de 15 títulos por ano (fig. 12). Outros 28,4% leem entre 6 a 10 títulos por ano. Esses números estão bem acima da média brasileira. Ainda mais se formos considerar que a grande maioria dos livros retirados nessas bibliotecas são dedicados à leitura como lazer. A pesquisa ainda encontrou um claro relacionamento entre escolaridade e o número de livros lidos no ano. A tendência é que esse número cresça conforme avança o grau de escolaridade.

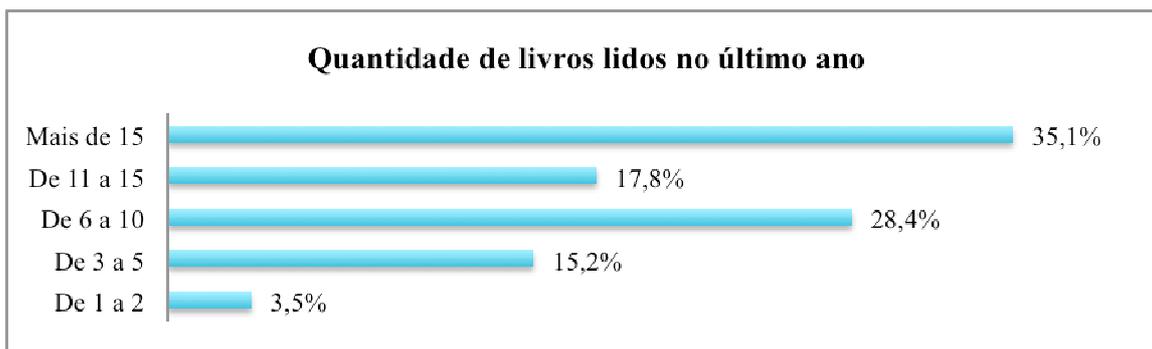


Figura 12 – estimativa da quantidade de livros lidos nos últimos 12 meses

Foi também constatado que a maioria dos usuários das bibliotecas tiveram contato com a leitura na infância. Cerca de 30% dos pesquisados responderam que sempre viam pessoas lendo em casa. Outras 34% viam pessoas lendo apenas de vez em quando. Os restantes 36% nunca ou quase nunca viam alguém lendo em casa. Quando questionados se recebiam livros de presente quando crianças, 13% responderam que sempre ganhavam livros. A grande maioria, 54%, ganhava livros apenas ocasionalmente, enquanto 33% nunca foi presenteado com livros. Os valores encontrados correspondem, de certa forma, ao perfil do leitor nacional encontrado na *RLB* (AMORIM, 2008, p. 201-2) e podem indicar que o usuário médio das bibliotecas *EL* e *LP* já tinha familiaridade com o livro e já era leitor antes de ter contato com as bibliotecas. Qual então o papel que essas bibliotecas desempenham?

Para descobrir isso, foram incluídas duas perguntas no questionário: “você aumentou a frequência de leitura após começar a utilizar as ‘bibliotecas do metrô’?” e “como as ‘bibliotecas do metrô’ contribuíram para sua vida como leitor?”.

O resultado obtido para a primeira questão deixa bem claro o papel que as bibliotecas pesquisadas possuem em contribuir para o aumento na frequência de leitura. 80% dos entrevistados respondeu que aumentou a frequência de leitura após começar a utilizar as bibliotecas *EL* e *LP*. Isso pode ser um resultado direto de sua localização extremamente conveniente que, como já afirmado anteriormente, se coloca no caminho do leitor.

Já as respostas adquiridas para a segunda questão confirmam que boa parte dos usuários das bibliotecas pesquisadas já se configuravam como leitores antes de começarem a usar as bibliotecas (fig. 13). Entretanto, uma parte considerável dos entrevistados, 21,7%, respondeu que as bibliotecas despertaram o seu gosto pela leitura; ou seja, não costumavam ler, mas as bibliotecas incentivaram esse hábito.

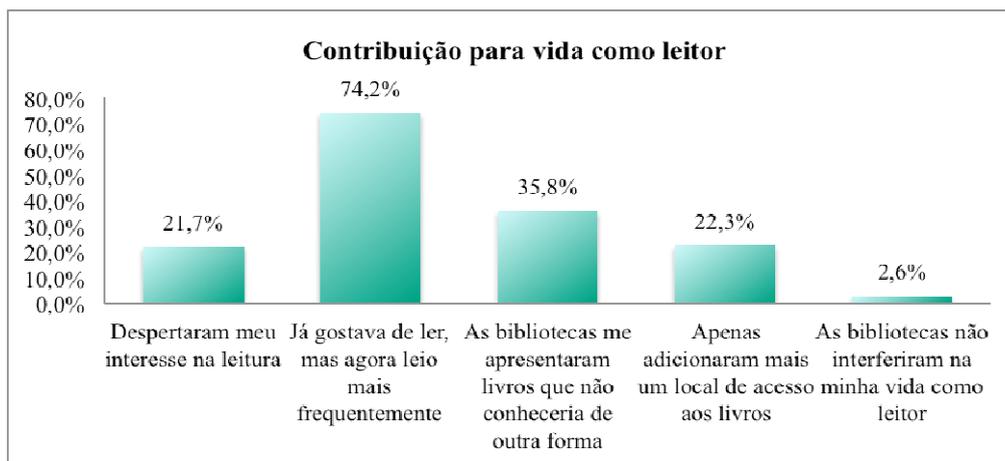


Figura 13 – como as bibliotecas contribuem para a vida do leitor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só com as informações obtidas acima, já poderíamos concluir que mais bibliotecas deveriam ser instaladas em estações e terminais de transporte público. Mas podemos aprofundar um pouco mais nossa análise ao cruzarmos as respostas das dessas duas últimas questões com os dados sobre renda. Ao fazermos isso, descobrimos que o aumento da renda é inversamente proporcional à porcentagem de pessoas daquela faixa que responderam que as bibliotecas despertaram o seu interesse pela leitura (tab. 1). Ou seja, uma porcentagem maior de pessoas de baixa renda respondeu que foram as bibliotecas que deram um pontapé inicial em sua vida como leitor do que pessoas com a renda mais alta. Já a porcentagem de pessoas que já gostavam de ler, mas leem mais frequentemente, aumenta conforme a renda. Levando em consideração que a renda é um fator que influencia a leitura, o acesso aos livros e à educação (AMORIM, 2008), podemos concluir que as bibliotecas tem sido eficazes em diminuir, mesmo que em pequena escala, a desigualdade cultural atrelada à concentração de renda no país.

O mesmo padrão se repete com as pessoas que responderam que aumentaram a frequência de leitura após se associarem às bibliotecas *EL* e *LP* (tab. 2) – a porcentagem dentro das faixas salariais aumenta conforme diminui a renda. E, para os que não alteraram sua frequência de leitura, aumenta conforme a renda. Mas mesmo se levarmos em consideração as pessoas que já gostavam de ler, mas hoje leem mais frequentemente (tab. 1), uma boa parte delas se encontra também nas faixas de baixa renda. Isso implica que, mais do que diminuir as barreiras sociais impostas à cultura, as bibliotecas também são extremamente eficientes em suprir a demanda reprimida pelo livro e pela leitura, já que é impossível para

essas pessoas compram muitos livros sem comprometer parte importante de sua renda. Para elas, as bibliotecas deixam de ser apenas mais um local de acesso aos livros, e se transformam em um instrumento de libertação cultural.

Dessa forma, entendemos que iniciativas como as bibliotecas *EL* e *LP*, instaladas em pontos estratégicos, de fácil acesso ao leitor, podem ser um forte instrumento na difusão da leitura no Brasil, pois fazem com que o benefício da leitura esteja a um alcance maior de pessoas, criando cidadãos mais críticos e cientes de seu papel na sociedade. Embora essa não seja uma solução única para resolver a crise da leitura no país, certamente deve ser reproduzida onde possível, pois auxiliará o processo de formação e manutenção de leitores.

	RENDA FAMILIAR					Respostas totais
	Até 1 SM	1-3 SM	3-5 SM	5-15 SM	+ de 15 SM	
Despertaram meu interesse na leitura	35,7%	25,2%	20,0%	13,8%	0,0%	21,0%
Já gostava de ler, mas agora leio mais frequentemente	57,1%	72,7%	77,9%	76,3%	83,3%	74,6%
As bibliotecas me apresentaram livros que eu não conheceria de outra forma	42,9%	36,4%	35,8%	32,5%	50,0%	35,8%
Apenas adicionaram mais um local de acesso aos livros	0,0%	18,2%	26,3%	30,0%	16,7%	22,5%
As bibliotecas não interferiram na minha vida como leitor	14,3%	2,1%	2,1%	1,3%	16,7%	2,7%

Tabela 1 – contribuição para a vida do leitor por renda

	RENDA FAMILIAR					Respostas totais
	Até 1 SM	1-3 SM	3-5 SM	5-15 SM	+ de 15 SM	
Aumentei a frequência	84,6%	84,0%	76,8%	76,3%	66,7%	79,9%
Leio com a mesma frequência	15,4%	15,3%	23,2%	23,8%	33,3%	19,8%
Diminuí a frequência de leitura	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%

Tabela 2 – mudança na frequência de leitura por renda

REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial : Instituto Pró-Livro, 2008.

ANL. Diagnóstico do Setor Livreiro 2009. **Associação Nacional de Livrarias**, ago. 2010. Disponível em: <<http://anl.org.br/web/pdf/diagnostico.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Unesp, 2010.

CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162. Disponível em: <www.ufrgs.br/cdrom/candido/candido.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2011.

FAR, Alessandra El. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

IBGE. PNAD 2009: rendimento e número de trabalhadores com carteira assinada sobem e desocupação aumenta. **IBGE**, 08 set. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&id_pagina=1&titulo=PNAD-2009:-rendimento-e-numero-de-trabalhadores-com-carteira-assinada-sobem-e-desocupacao-aumenta>. Acesso em: 14 mar. 2012.

IBGE. Primeiros dados do Censo 2010. **IBGE**, 29 abr. 2011. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php>. Acesso em: 24 mar. 2012.

INEP. Censo da educação superior 2010. **INEP**, out. 2011 Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2010/divulgacao_censo_2010.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2012.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?: política para a cultura / política para o livro**. São Paulo: Summus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. 6ª ed. Campinas, SP: Leitura Crítica, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VEIGA, Edison. William Naked. **Estadão.com.br**, São Paulo, 15 dez. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101215/not_imp653743,0.php>. Acesso em: 26 fev. 2011.